
Imagens sobre velhice, envelhecimento e velho(a) produzidas pela mídia rondoniense: o que e como dizem¹

Rodrigo Pedro Casteleira²

Khauane Farias³

Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR

Resumo

A compreensão da velhice atravessa múltiplos filtros, para que além dos fatores biológicos, esse corpo abarca também questões sociais e culturais. Neste contexto do envelhecer, suas significâncias são construídas simbolicamente, entre elas, por meio do consumo midiático. Pensando nisso, este artigo analisa o discurso da velhice através de 17 matérias jornalísticas publicadas em portais de Rondônia entre os anos de 2019 e 2020. A partir da análise de conteúdo, diante deste filtro, buscou-se identificar a produção de sentido atribuído à narrativa do discurso da velhice.

Palavra-chave: discurso; velhice; notícia; Rondônia.

A população idosa no Brasil tem crescido nas últimas décadas, o que impactou no que se compreende como o ser velho em uma sociedade marcada na e pela manutenção da juventude, ademais, a própria categoria 'velho' não é uma categoria aplicada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), uma vez que ela parece carregar uma aura de decrepitude e desgaste do sujeito. Desse modo, a categoria mais utilizada é a de idoso, em conformidade com o Estatuto da Pessoa Idosa (2003), sob um recorte etário para definir quem se enquadra, no caso do Brasil. Pensando nessa população, mais especificamente na que está em Rondônia, este trabalho intentou, mesmo que de maneira iniciante, mapear e discutir algumas produções midiáticas acerca das pessoas idosas, sobretudo para identificar quais são as narrativas propostas pela comunicação ao retratar uma pessoa idosa.

A velhice não pode ser compreendida exclusivamente sob o olhar biológico, pois deste modo não seria possível compreender o lado social que ocupa (Côrte; Mercadante; Gomes, 2006). Ainda que a biologia esteja nessa equação, “as dimensões históricas e socioculturais, particulares de cada sociedade, devem ser analisadas ao lado da

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Alteridade e Diversidade, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor e orientador no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR. E-mail: rodrigo.casteleira@unir.br.

³ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR. E-mail: farias.khauane@gmail.com

dimensão biológica” (Côrte; Mercadante; Gomes, 2006, p. 27). Soma-se a isso a afirmação de Minayo (2006) quanto a ‘velho’ não ser uma categoria analítica em si, “embora seja cômodo definir uma massa de 17 milhões de pessoas de forma homogênea, ao assim fazê-lo perdemos a complexidade desse grupo e a substituímos por estereótipos” (p. 48).

Essas dimensões todas dão pistas sobre a construção do envelhecimento, mas é preciso compreender o papel da mídia como uma das formas de refletir essa construção, conforme as autorias supracitadas.

Acredita-se que se o cidadão for bem informado sobre o processo de envelhecimento e a longevidade humana, ele terá opinião e se localiza na sociedade. Seguramente, jornalistas, médicos e políticos entre outros, a conhecerão, o que é bom, pois em geral, não há diálogos entre cidadãos, formadores de opinião, órgãos públicos e comunidade científica (Côrte; Mercadante; Gomes, 2006, p. 28).

É preciso também apontar o papel da mídia como veiculadora dos discursos da sociedade moderno-contemporânea acerca do embaçamento “das fronteiras etárias, a pluralidade e a heterogeneidade de experiências geracionais” (Barros, 2011, p. 47), o que impacta, por exemplo, da relação dualista e oposta entre juventude, entendida como paradigma a ser estendido a qualquer idade, e a velhice, circunscrita na estigmatização e deixada sempre para um depois de cada pessoa. A preocupação desta escrita reside nesses termos comunicacionais referentes à velhice, velho(a) e envelhecimento, propagados às pessoas e críveis enquanto uma discursividade inquestionável, haja visto que, conforme Côrte Mercadante e Gomes (2006), a mídia desempenha um papel de referência, e “as imagens apresentadas [...] têm importância significativa na construção dos discursos” (Idem, p. 36).

Ao formar uma imagem sobre a velhice, concentra-se a ideia difusa e esparsa socialmente do que ela seja em uma narrativa mais ‘palpável’, com isso, damos sentidos a essa multiplicidade imagética. Para compreendermos melhor a relação entre imagem e discursividade, lançamos mão de Freitas (2008) junto de sua defesa a ideia de que inexistente uma realidade pré-discursiva. Para essa autora a realidade é o discurso, e é a partir dele que cada realidade se funda, se organiza e se modifica no fluxo histórico-social. Essa organização de realidade por sobre a discursividade possibilita, por exemplo, criarmos laços sociais (e afetivos) junto à imagem pública da velhice, possível apenas quando ela (a imagem) sai do anonimato e constitui-se narrativa.

As imagens, segundo Côrte, Mercadante e Gomes (2006 p, 37), são produtos das linguagens e “podem ser consideradas do ponto de vista do significado básico, ou da ideia mental que acompanha um termo e que consiste no código compartilhado pelos falantes de uma língua”. A discursividade midiática, ao narrar a velhice, a pessoa velha ou envelhecimento, fornece esses significados básicos ou concepções mentais, mas não significa que sejam positivas para se pensar tais categorias. A categoria de pessoas velhas, ou idosas, segundo o Estatuto da Pessoa Idosa (Brasil, 2003), esteve em destaque durante a pandemia de COVID-19:

Ao assumir as diretrizes de protagonista durante a pandemia, a OMS passou a veicular orientações sanitárias e demais informes em relação ao vírus (CORONAVÍRUS..., 2020), inclusive estimulando um movimento solidário na população mundial para com as pessoas classificadas como mais vulneráveis, mesmo que não tenham comorbidade, como no caso das pessoas com 60 anos ou mais. Como desdobramento posterior à fase mais aguda da pandemia, percebemos uma reflexão crítica sobre o avivamento do idadismo em relatório publicado pela organização no fim do ano de 2022, já em um momento de maior controle da doença em razão da vacinação contra a COVID-19 (Dourado; Casteleira, 2023, p. 5).

Ao focarmos especificamente em Rondônia, uma dos estados nortistas, nesse mesmo período pandêmico, quais seriam as imagens e produções de sentido elaboradas pelas mídias? Para problematizarmos essa questão, optamos por mapear e analisar reportagens das mídias rondonienses produzidas em 2019, um ano antes da pandemia, e 2020, o início da crise sanitária no Brasil.

Os termos específicos de pesquisa foram: idoso, velhice e envelhecimento, somados à Rondônia. Reportagens sobre acidentes seguidos de mortes, assassinatos ou mesmo notícias institucionais foram excluídas, contabilizando 03 narrativas midiáticas, de 2019, e 15 de 2020. O método utilizado foi o de análise de conteúdo em Bardin (2000), a fim de pontuar as categorias utilizadas nas notícias ao narrar a pessoa idosa nos períodos selecionados, além de problematizar as imagens utilizadas nas notícias, observando possíveis estereótipos.

Ao aplicar a metodologia de análise de conteúdo de Bardin, este projeto intenta problematizar de modo pontual as representações do envelhecimento descritos no Portal G1 Rondônia. Os resultados contribuirão para o modo como as narrativas midiáticas sobre o envelhecimento no estado são veiculadas, desse modo, permitirá reflexões outras para docentes e pós-graduandos(as) em comunicação e educação, uma vez que a temática faz parte das chamadas diferenças ao mesmo tempo em que é um fator presente

em todos os sujeitos. Para isso, as notícias pesquisadas no Portal G1 Rondônia usarão os seguintes verbetes: idoso, envelhecimento e velhice, para que possam ser lidas também sob as teorizações sobre envelhecimento discutidas por Côrte, Mercadante e Gomes (2006), Maria Cecília Minayo (2006), Miriam Goldenberg (2022), e Simone Dourado e Rodrigo Casteleira (2023)

Como a mídia em Rondônia anuncia a pessoa idosa é o enfoque do problema, ainda mais quando se pensa nos mitos discutidos por Maria Cecília Minayo (2006, p. 50), a saber: "(1) redução do envelhecimento ao processo orgânico; (2) consideração do processo de envelhecer como decadência; (3) interpretação da velhice como problema". Ao pensar nos processos narrativos criados pela mídia, que pode chegar a um número significativo de pessoas, a questão é, também, a de verificar se a mesma reforça esses modelos citados ou tenta romper com a perspectiva etarista ao retratar pessoas idosas. Como a questão é específica sobre um estado dentro do Norte, interessa-nos, ainda, identificar quais os gêneros e racialidades aparecem nessas discursividades.

Tateando o território midiático

A constituição da população rondoniense é diversa, dados os fluxos migratórios de diferentes partes do país, contudo, é inegável a marca identitária indígena e negra na cultura. Se existe essa presença enquanto característica constituidora, é esperado encontrar imagens diversas pelo cotidiano com essas representações, ou mesmo em reportagens e é essa a hipótese central deste artigo, a saber, quais são as imagens sobre pessoa idosa (ou velha), velhice e envelhecimento no estado de Rondônia, entre os anos de 2019 e 2020.

Das produções de 2019, separamos 03 reportagens, 02 do portal G1 (2019a; 2019b) eram especificamente sobre um homem idoso com o desejo de cursar graduação em Engenharia Civil. Ele, de 64 anos à época, é um senhor branco, de cabelos grisalhos, sentado escrevendo em um caderno junto de inúmeras pessoas jovens à sua volta. A narrativa utilizou os paradigmas de superação e inspiração, longe das narrativas de velhice como sinônimo de sofrimento, abandono, solidão ou dependência, conforme Minayo (2006).

A outra reportagem, do NewsRondonia (2019), discute sobre os serviços e quantidade de pessoas atingidas por eles no Centro de Atendimento ao Idoso de

Vilhena, interior do estado. A matéria reforça a narrativa da prática de esportes, atividades coletivas e atendimentos de saúde para a qualidade de vida de pessoas idosas. A foto selecionada é do público idoso em alguma atividade, com a presença de homens e mulheres alegres, em que estão com os braços levantados, mas sem possibilidade de analisar todos os rostos e corpos, uma vez que há um desfoque na imagem. A única pessoa com nitidez está no centro da foto, uma mulher branca, de cabelos castanhos.

As imagens de e sobre a velhice nas reportagens de 2019 não foram retratadas com pesar ou mesmo um cuidado sanitário pontual e de urgências, ao mesmo tempo, as fotografias não dão qualquer pista de um retrato nortista. Se focarmos na textualidade, o mesmo se repete. Ainda que no primeiro caso o foco seja em uma pessoa específica, inexistem flexões de questões pontuais em Rondônia que o levaram a não ingressar em um curso superior.

Em relação ao bloco de reportagens de 2020, mapeamos 14 matérias. Dessas, 04 relataram questões envolvendo a morte de uma pessoa idosa, sendo que uma era investigada como suspeita relacionada à Covid-19 (G1, 2020a). Identificamos 02 sob a narrativa de vulnerabilidade e, dessas, uma com o desfecho de latrocínio (UOL, 2020), ao passo que a outra informava o caso de um idoso de 68 anos resgatado “de uma casa improvisada e de estrutura precária, sem alimentação e nem condições básicas de higiene” (G1, 2020b), após o resgate, foi conduzido a um asilo. Dadas as condições do que o texto informa, é preciso considerar um panorama comum no Brasil acerca de que “os idosos mais pobres costumam ser os que têm mais problemas de saúde, maior dependência e uma cota maior de sofrimento, como vivências de abandono, maus-tratos, negligências e internação em asilos públicos” (Minayo, 2006, p. 49).

Quanto às reportagens voltadas ao binômio Covid-19 e pessoa idosa, identificamos 04. Uma narra a superação de uma idosa ao receber alta do hospital, após internação pelo agravo da Covid-19 (G1, 2020c). A foto, de baixa qualidade, apresenta a idosa em uma cadeira de rodas, de máscara, cercada pela equipe hospitalar. Não é possível vislumbrarmos características raciais da idosa. A outra diz respeito de um idoso com Covid-19 acusado de circular pelo espaço público, desrespeitando a quarentena do tratamento (G1, 2020d). A imagem retratada é de parte de algum bairro, sem qualquer pessoa fotografada. As duas outras tratam de especificidades locais: queimadas e população indígena no momento pandêmico.

As reportagens “Mortes de indígenas idosos por Covid-19 colocam em risco línguas e festas tradicionais que não podem ser resgatadas” (G1, 2020e) e “Queimadas aumentam 25% das internações de idosos indígenas em 2019; estudo prevê cenário preocupante junto à Covid” (G1, 2020f) são as únicas a tratarem das comunidades indígenas. Esta com a preocupação, e denúncia, das queimadas como fator de ampliação dos riscos para a população indígena e aquela pontuando o possível desaparecimento das línguas e festas tradicionais em decorrência das mortes das pessoas indígenas idosas e aquelas. Interessante chamar a atenção para a única fotografia com pessoas idosas indígenas no intervalo de 2019-2020, nem mesmo pessoas negras foram identificadas nos materiais separados. Mesmo Rondônia não sendo composta única e exclusivamente por povos indígenas, a maioria das matérias produzidas discute mais questões urbanas sob uma perspectiva mais pasteurizada e embranquecida de velhice. É quase como se ser pessoa velha ou idosa tivesse um protocolo de existência a ser seguido e após o advento da pandemia tornaram-se seres-problema para o sistema sanitário.

Considerações finais

O entendimento da velhice passa por fatores biológicos e também sociais. Neste sentido, adentramos a uma busca por assimilar, a partir da análise de conteúdo, quais são as facetas apresentadas do envelhecimento em veículos midiáticos de Rondônia. Após a pesquisa de palavras-chaves, as narrativas encontradas em grande parte das matérias jornalísticas analisadas reforçam a construção de uma imagem da velhice resumida à vulnerabilidade. A faceta reforçada, diante do corpo das matérias, é a de uma pessoa envelhecida que precisa ser constantemente tutelada, não para que se resguardem seus direitos legais, mas como se não houvesse outro espaço ocupado por esses indivíduos.

As autorias citadas no decorrer desse artigo descrevem a compreensão da velhice na sociedade ocidental como um espaço vazio, marcado por ausências, neste sentido, não há mais outra perspectiva além da espera pela morte. Desta maneira, os veículos jornalísticos de Rondônia, sem alocar mais pontualmente existências na velhice de um modo nortistas ou no Norte, acentuarem nesta descrição hegemônica um discurso capacitista, apesar de haver uma matéria que foge ao contexto de vulnerabilidade, ainda

é pouco abordada a velhice neste viés, sendo assim, em síntese anula-se a pessoa envelhecida, contribuindo para reforçar a exclusão desses indivíduos da sociedade.

Diante dessa breve análise de conteúdo, é possível compreender que o espaço midiático do estado segue marcado por um discurso que reforça o etarismo, além de não pensar questões de racialidade. Embora questões pensadas neste artigo já estejam em maturação no contexto acadêmico, compreende-se ainda a necessidade a revisão destes discursos, assim, deixando um convite aos jornalistas, pesquisadoras e pesquisadores do campo a repensarem outros modelos de abordagem diante da velhice, rompendo com o enunciado que reduz a existência de uma pessoa envelhecida a incapacidade.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2000.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. A velhice na pesquisa socioantropológica brasileira. In: GOLDENBERG, Miriam (org.). **Corpo, velhice e felicidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p. 45-64.

BORGES, Rosane da S. **Ficção e realidade: as tramas discursivas dos programas de TV**. 2008. 364 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

BRASIL. Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 3 out. 2003.

CÔRTE, Beltrina; MERCADANTE, Elisabeth Frohlich; GOMES, Mayra Rodrigues. Quais são as imagens dos idosos na mídia. In: CÔRTE, Beltrina (org.). **Velhices: reflexões contemporâneas**. São Paulo: Sesc; PUC-SP, 2006. p. 25-46.

DOURADO, Simone Pereira da Costa; CASTELEIRA, Rodrigo Pedro. Mudanças na percepção da velhice durante uma crise sanitária: da celebração da longevidade à ideia de doença. **PerCursos**, Florianópolis, v. 24, e0101, p. 1-23, 2023.

FREITAS, J. M. M. A CNN e a globalização mediática: uma nova hegemonia ou a formação de comunidades imaginárias? In: _____. **A globalização da comunicação. A desterritorialização da cultura. A tecnologia**. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes, Departamento de Jornalismo e Editoração/CNPq, 1997.

G1. 'Minha hora vai chegar', diz idoso de 64 anos que vai fazer o Enem pela 5ª vez, em RO. 2019a. Disponível em: <https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2019/11/02/minha-hora-vai-chegar-diz-idoso-de-64-anos-que-vai-fazer-o-enem-pela-5a-vez-em-ro.ghml>. Acesso em: 3 jun. 2025.

G1. Idosa de 88 anos recebe alta após ficar duas semanas internada com Covid-19, em RO. 2020c. Disponível em:

<https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2020/04/30/idosa-de-88-anos-recebe-alta-apos-ficar-duas-semanas-internada-com-covid-19-em-ro.ghtml>. Acesso em: 12 jun. 2025.

G1. Idosa morre dentro de casa em Porto Velho e prefeitura investiga caso como suspeito de Covid-19. 2020a. Disponível em: <https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2020/04/11/idosa-morre-dentro-de-casa-em-porto-velho-e-prefeitura-investiga-caso-como-suspeito-de-covid-19.ghtml>. Acesso em: 11 jun. 2025.

G1. Idoso com Covid-19 é denunciado por ficar circulando em rua de Cacaulândia, RO. 2020d. Disponível em: <https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2020/08/07/idoso-com-covid-19-e-denunciado-por-ficar-circulando-em-rua-de-cacaulandia-ro.ghtml>. Acesso em: 12 jun. 2025.

G1. Idoso de 64 anos ganha bolsa de estudos após fazer Enem pela 5ª vez em RO. 2019b. Disponível em: <https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2019/11/16/idoso-de-64-anos-ganha-bolsa-de-estudos-apos-fazer-enem-pela-5a-vez-em-ro.ghtml>. Acesso em: 3 jun. 2025.

G1. Idoso de 68 anos em situação de vulnerabilidade é resgatado em Ji-Paraná, RO. 2020b. Disponível em: <https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2020/04/17/idoso-de-68-anos-em-situacao-de-vulnerabilidade-e-resgatado-em-ji-parana-ro.ghtml>. Acesso em: 12 jun. 2025.